

# "As pompas do Mundo" e o "Globo da Morte"

AIRES DA MATA  
MACHADO FILHO

Em *As Pompas do Mundo*, (Rocco, Rio, 1975), Otto Lara Resende manifesta a sua predileção pelos ambientes de antanho, pela atmosfera tradicional, característica da existência interiorana, particularmente em Minas, desde o primeiro conto, *Bem de Família*. O aroma obsoleto da toalha, ciosamente guardada, comunica embalador poder evocativo a quantos situam lembranças e saudades pessoais, em casos e lugares semelhantes.

A ênfase, excessiva talvez, decorre da iterativa acumulação de elementos sugestivos, tais os numerosos perfumes daqueles guardados.

Outro ponto saliente está no apego às pompas do mundo. Avulta no orgulhoso amor à toalha bordada, perpassa em outros contos, culmina dominador, na novela que termina o livro, em forma de avaréza. A exultante predominância do tipo, relegando à sombra as outras personagens, pode explicar-se pelo intuito de imprimir realce a uma abstração.

A semelhança do que sucede a essa personagem compraz-se o autor em acumular variedade pecúlio verbal. Diferentemente dele, alcança distribuído, de maneira equitativa. As palavras de outrora, os tesouros da fraseologia, principalmente esses últimos, guardam força evocadora para fruição de alguns leitores: constituem riquezas recuperadas.

Sem embargo, não se abdica da concisão, peculiar ao contista. Várias vezes se exemplifica, na frisante naturalidade do desfecho, como nesse empolgante *O Elo de Família*.

Mais um aspecto que imprime unidade à variedade: o tratamento da religiosidade popular. Poucos o fazem tão bem como Otto Lara Resende. Nem lhe falta mão leve para os assuntos puramente religiosos como em *A Guarda do Anjo*.

Em remate — e a resenha bibliográfica bem que o exige — esse *As pompas do Mundo*, sobre demonstrar, mais que outros livros seus, os poderes verbais de autor merecidamente consagrado, oferece à crítica valiosas sugestões de estudos estilísticos, a que é forçoso resistir agora.

O rapaz alcança conter-se, ante a capitosa provocação da

garota que o procura. Tem muita força aquele retrato da mãe. Veja-se o conto *Sede em Globo da Morte*, de Hugo de Almeida Souza (Edição Alternativa, Belo Horizonte, 1975).

Identicamente, o autor, nos seus vinte e três anos, deixa de entregar-se às demasias verbais que a idade justificaria. E' que se impôs, desde já, conseguir o efeito máximo de autenticidade, com o mínimo de recursos estilísticos, acrescentados às palavras ligadas ao acontecimento que flui. "O estilo é o desestilo". O seu jeito de escrever lembra a conhecida frase de Azorin. Conviria aqui e ali, alguma intervenção, para evitar a vulgaridade. Talvez. Mas, antes assim.

Também, os contos reproduzem a vidinha do estudante, os episódios e exigências de aulas, pouco mais. Autobiográfico. Fielmente recortados do natural, pela precoce mestria do estreante, entusiasman a gente.

Assim como não sucumbe à tentação do adjetivo para arredondar a frase, deixa mesmo como estão as suas narrativas. "As histórias não têm fim. Os personagens é que acabam. As histórias continuam, com a entrada de personagens novos. Vida meu amigo". Isso de Joracy Camargo, figura em exergo, deliberadamente. Os contos, modelares pela concisão, cumprem o programa assim indicado.

Uma palavra sobre os diálogos: brotam espontaneamente, sem deixarem de ser bem tratados. Prenunciam — quem sabe? — o teatrologo, nesse contista nato. Muitos caminhos se abrem às possibilidades e às esperanças de escritor que assim começa.

O gosto de evitar a elaboração transparente sugere o conto intitulado *Caos*. E' quase só o acontecimento, com sua trama própria. Original. O perigo dessa apresentação não elaborada pode estar no abuso.

Dificilmente ocorrerá à vigilante lucidez do autor. A ressaltar as peças melhores, prefiro comunicar a impressão geral de uma estréia mais que promissora: vitoriosa. Fico de olho nesse Hugo de Almeida Souza, consagrado pela Menção Honrosa no Premio Fernando Chinaglia e pelos rasgados louvores de Octavio de Faria.

Endereço para remessa de livros:  
Rua Prof. Magalhães Drumond, 147  
— 30.000 — Belo Horizonte — MG.

O ESTADO DE S. PAULO

24 janeiro de 1976